

Abram alas no Recital dos Sisudos

Patrícia Lino

UCLA

• patricialino@g.ucla.edu

URL <http://patricialino.com>

DOI [https://doi.org/10.34913/
journals/lingualugar.2020.e423](https://doi.org/10.34913/journals/lingualugar.2020.e423)

PEQUENA TRAPAÇA ENGENHOSA

141

Obedeço aos impostos anuais e às instituições onde ensino poesia, desaprendendo a pátria, o belo, o cânone e a praxe. Sou uma mulher leal, ordinária e tenho alguma dificuldade em posicionar-me verticalmente no hábito e na prática.

Obedeço à respiração, ao sol e cada vez mais ao cansaço dos dias úteis, reconhecendo a luz e a beleza espontânea que há em inspirar e expirar, tremendo, uma e outra vez até à morte, ao sonho e à memória. Sou um rapaz terno

que obedece às regras de segurança e tédio dos aeroportos à gravidade, à visão, à escuta. Deposito no verso o sopro do que vejo e escuto, e escrevo de cabeça erguida, ouvido voltado para a reverberação do grande mundo reprimido.

Obedeço ao poema, que é o silêncio em fala, a curvatura do meu corpo até ao chão, noventa graus um pouco tortos e interessam-me os tortos, o mundo coxo. Vou de orelha encostada às nossas mães e avós, de olho e retina aguçados

sobrevoando a história total. Interessam-me o estudo aéreo e o rigor panorâmico das aves. Sou uma galinha, descendo do antigo quetzalcoatlus e ataco, visceral e gorda, o antigo e masculino consórcio dos deuses. O poema é um tijolo alado.

Obedeço sobretudo ao amor, aos semáforos e aos sinais de rua. Um assegura os outros, os outros asseguram o amor. A carne interessa-me também, como me interessam os sismos, a dor as mãos e as correntes de água. Trepo o diospireiro da casa

com o único propósito de comer. Caio, ascendo e incendeio o jardim. Sou uma menina muito delicada e é com delicadeza que projeto o poema monstruoso, como um ralo no Pacífico e logo adormeço. Nasci para exercer o feminino e o atómico.

Achega-te, inala e corta, tal a machadada
no que suporta o busto, que quando a cabeça caia
te sobre ainda tempo para o entulho. Começa

por baixo, no sentido que mais te aprover
e não te assustes, porque há na cesura o encontro
com as partes. O que desaba não é a tradição
mas o fabrico do passado. Cerceia a eito
o monstro pela raiz e, caso eles te cusпам
adianta, arreganhando os dentes, a mordidela.

Se te faltar força, descansa o braço, repousa
o olho com que escutas o princípio. E de volta
ao dispor ambos os pés sobre as arestas do pedestal
tem cautela. Não é a tradição que desaba, ou a lisura
mas é muito o que descamba. Há quantas palavras
afinal, firmaram eles as pautas e a praxe?

Agora que deste a espalda à peleja e o coração
à demanda, percebes como o golpe prediz a borda
vária e desconhecida, da máquina, que à máquina
sucederão a boca e as línguas, o gesto e os corpos
em meia-luz. Ao desígnio da invenção seguirá
por seu turno, a vida. E, como um susto, a vida

não se prevê. Cabeleiras, grinaldas e dorsos rolarão
porque à história agradam as piruetas, para o museu
das coisas amorfas. Augúrios de lado, o canto faz-se
de ouvido pregado à terra. Verga-te, por isso, até
à oscilação vaga e firme do achado. Aprende
tão perto da morte, a toada circular do recomeço

e escuta como, ao tombo estirado dos gigantes de pedra
despontam plantas e grilos num reino de calhaus.
Se falassem, em que tempo do tempo lhes falarias?

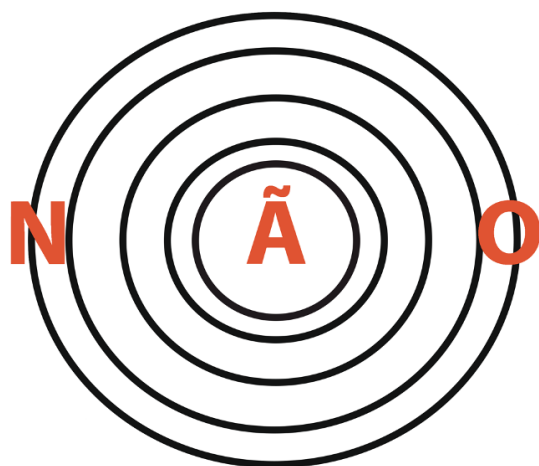
USINA NUCLEAR

143

Sobrevivi às tias, ao mar e ao cânone
à cantada gutural e seca dos macacos
ao disparo do canhão e às mazelas
dos gatos. E franzindo a sobrancelha
sobrevivi também ao fervor copulativo.
Comprei cactos, vassouras, panelas.
Sou um erro do sistema, “uma usina
nuclear”, disse ele gracejando. Afinal
sobrevivi à nação do eterno ontem e
em silêncio, corroborarei o receio
dos inimigos: um grito sem volta.
Como sobrevivi, não importa:
talvez em silêncio, talvez cantando.
Aborrecida, não pude senão, furiosa
agarrar-me ao tempo, trepar as costas
largas dos deuses. Sobrevivi também
ao pater familias e ao braço, inquieto
colossal e farto da escrita. Aqui estou
entre a tradição e a voz, escrevendo
contra um país burro. Impossível
na verdade, roçar a língua na palavra
lúcida, e responder: como sobrevivi
a este braço potente que é a extensão
de um corpo teso, quadrúpede dizendo
e insistindo, mais do que tudo crendo
na bizarrice do poema primo e cintilante?

NÃO

<http://www.patricialino.com/nao.html>



A LUTA ENDIABRADA DE UM BRAÇO

Tenho tanto medo de partir um braço sobretudo o esquerdo, e tornar-me absolutamente inútil. Como errar o mundo sem errar a gramática? E como errar a gramática sem um braço? Especialmente o esquerdo danado e pungente, um bastão feminino empenhadíssimo em dizer a história natural no país dos cordiais?

Dizer a história natural é errar a gramática e errar a gramática é errar o sujeito regressar ao início dos inícios do planeta à primeira casca de banana, tropeçar no primeiro dos murros, escancarar-se através da luta endiabrada de um braço gago e engasgado, mínimo, pateta

o membro esguio de um corpo no espaço um desvio promissor até ao presente

Ou a canção gigante

ARGOS

<http://www.patricialino.com/argos.html>



POÉTICA ZAROLHA

Dedico-me ao verbo e à navalha
com que não aparo os pêlos filosóficos
(apesar de saber como os usavam
cínicos, estoicos e peripatéticos)
e com que relutante disseco a tradição
o cascalho, a anatomia canónica.
Repouso a faca sobre as duas pernas
e falta-me a paciência, a saúde
sintática. O poema é o poema será
ora esta vontade de duas coisas
ora a reserva com que me encolho
e recolho. A mudez voluntária
do indicador alado, que dá voltas
projetando a forma: aperfeiçoar
o que se torce e contorce, o dorso
truncado, teso, ante a sentença
crítica, as listas, a santíssima
trindade. Contornar o aborrecido
estado das coisas, benzer o feio.
Eva Maria, cheia de graça, mãe
irmã, avó, abençoi-nos. Amen.
Parar aqui ou adiante, entoando
o canto empenhado, engasgado
suado. Preocupa-me sobretudo
a palavra zarolha, anamórfica.